

Música, Filosofia e Educação

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Música, Filosofia e Educação

**Atena Editora
2019**

2019 by Atena Editora
Copyright © da Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M987	Música, filosofia e educação [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Música, Filosofia e Educação; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-104-6 DOI 10.22533/at.ed.046190502 1. Música – Filosofia e estética. 2. Música – Instrução e estudo. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 780.77

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A trajetória da educação musical no Ocidente é marcada por diferentes visões e compreensões díspares. Os valores filosóficos tiveram seu foco redirecionado, os objetivos da educação musical foram modificados por tantas vezes quanto os paradigmas pedagógicos e sociais foram sugeridos, consolidados, questionados e reconstruídos. Em uma recapitulação do valor da música ao longo da história, notamos que a música esteve desvinculada da educação durante o período medieval. A infância receberia aceitação social e orientação escolar específica a partir da Renascença e seria objeto de estudos durante o século XVIII, propiciando o surgimento dos métodos ativos em educação musical de Rousseau, Pestalozzi, Herbart e Froebel (Fonterrada, 2005, p.38-40; 48-53). A educação musical do século XIX foi marcada pela publicação de tratados de teoria que ‘treinavam’ o domínio técnico, já que o Romantismo caracterizava-se pela figura do virtuose. Os conservatórios particulares, por sua vez, eram os centros onde o ensino orientado para o virtuosismo era fortemente estimulado. No século XX, os modelos filosóficos surgiam na mesma velocidade em que eram substituídos por outros modelos. O desenvolvimento tecnológico e as efêmeras mudanças de pensamento social e político criaram um ambiente para o aparecimento de métodos pedagógico-musicais que buscavam a sensibilização integral da criança quanto ao fazer e ouvir musicais. Jacques Dalcroze e a educação do corpo na vivência musical; Zoltan Kodaly e a educação musical autóctone; Edgar Willems e a educação auditiva quanto à sensorialidade, afetividade e inteligência; Shinichi Suzuki e a educação para o talento. Da segunda geração de pedagogos musicais (a partir dos anos 1960), Murray Schafer, Keith Swanwick e John Paynter também contribuíram com novas estratégias em relação ao desenvolvimento cognitivo-musical da criança, à educação sonora e aos aspectos psicológicos observados nas diversas fases da infância e da adolescência. Neste ponto podemos perguntar: se há tantos métodos e sistemas de pedagogia musical que valorizam o aluno e orientam o professor, qual a necessidade de uma filosofia para a educação musical? A resposta pode começar com a noção de que uma filosofia da música sempre permeou a educação musical em seus diferentes períodos na história, e com a concordância de que um posicionamento filosófico que incida diretamente sobre a prática da educação musical contribui para a reflexão na ação pedagógica. Esta reflexão pode determinar a natureza e o valor da educação musical, e é desse tema que tratamos mais especificadamente a seguir. Nas linhas abaixo, propomos o diálogo e evidenciamos o confronto entre os estudos de Bennett Reimer (1970) e David Elliott (1995) a fim de esboçar suportes filosóficos que orientem o trabalho do educador musical em sala de aula. Os autores assinalam que a educação musical deve ter entendimento da natureza e do valor estéticos da música, a fim de realmente tornar-se educação musical. Porém, como veremos a seguir, essa opção por uma educação estética encontra oposição e contra-argumentação nos estudos de outros pesquisadores da educação musical. No artigo

A ÉTICA GREGA E SEU PRINCIPAL PENSAMENTO EM SÓCRATES, os autores João Leandro Neto, Tayronne de Almeida Rodrigues, Murilo Evangelista Barbosa visam fomentar alguns pensadores sofistas e trazer enfoque à Ética socrática grega. Através de estudos e pesquisas busca-se aprimorar e aferir percepções e valores atribuídos às opiniões e ao relativismo apontado pelos sofistas que moldavam a ética de acordo com seus valores, sendo necessário seguir os valores que cada um julgasse mais correto de viver. No artigo **A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO DA RESPIRAÇÃO APLICADO À PRÁTICA INSTRUMENTAL DO VIOLINO E DA VIOLA**, o autor Oswaldo Eduardo da Costa Velasco discute e aponta reflexões sobre como desenvolver a conscientização e o interesse na observação da respiração. A pesquisa está direcionada para o estudo e a prática instrumental do violino e da viola. No artigo **A INFLUÊNCIA DA CULTURA MIDIÁTICA NO GOSTO MUSICAL DOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA**, o autor Frank de Lima Sagica buscam compreender a influência da mídia na formação do gosto musical desses estudantes. A metodologia utilizada se deu por uma pesquisa em campo, com aplicação de questionário aos alunos. Os resultados deste trabalho devem contribuir para a área da educação musical, no âmbito da linha de pesquisa Abordagens Socioculturais da Educação Musical. No artigo **A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA**, a autora Jéssica Melina Behne Vettorelo buscam compreender os efeitos do contato com os sons e a música no seu desenvolvimento global, desde o período intra-uterino até os cinco primeiros anos de vida, tratado aqui como primeira infância. No artigo **A PERFORMANCE DO COCO SEBASTIANA: UM RITO DE PASSAGEM NA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE JACKSON DO PANDEIRO** o autor Claudio Henrique Altieri de Campos objetivo é buscar como um momento paradigmático na trajetória do artista. Para tanto, dialoga com o pensamento de Turner, sobre liminaridade, e Foucault, sobre a noção de discurso. No artigo **APRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE PALMAS-TO: DESVELANDO CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM TURMAS DE PRÉ-ESCOLA**, a autora, Priscila de Freitas Machad buscou investigar que concepções de avaliação do processo de aprendizagem infantil que estão presentes nas práticas docentes. No artigo **A RELAÇÃO ENTRE O FAZER MUSICAL E O ESPAÇO ESCOLAR: UM DEBATE COM PROFESSORES DE MÚSICA**, Monalisa Carolina Bezerra da Silveira, busca investigar possibilidades e dificuldades que professores de Educação Musical, em atividade, no Ensino Básico da Rede Pública Federal e Municipal do Rio de Janeiro encontraram para que o fazer musical estivesse presente durante suas aulas de música. Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas junto a quatro docentes previamente selecionados. No artigo **A UTOPIA DO ISOMORFISMO INTERSEMIÓTICO COMO MOTOR DA CRIAÇÃO: BREVE ANÁLISE DO MOTET EM RÉ MENOR DE GILBERTO MENDES**, o autor Victor Martins Pinto de Queiroz visou explicitar a relação entre os procedimentos usados por ele em sua

música e aqueles utilizados pelo poeta no poema, em busca do isomorfismo texto-música, defendido como solução para o dilema onde se julgava estar a música, pelos signatários do manifesto Música Nova, entre os quais estava Gilberto. No artigo Anacleto de Medeiros: um olhar sobre a atuação de um mestre do choro e das bandas no cenário sociocultural carioca, os autores Sebastião Nolasco Junior e Magda de Miranda Clímaco visou as interações do compositor Anacleto de Medeiros com o ambiente social e musical do Rio de Janeiro do final do século XIX e princípio do século XX, atuando como chorão e como regente de bandas. No artigo Análise da Sonata para viola e piano de Radamés Gnattali: primeiro movimento, os autores Maria Aparecida dos Reis Valiatti Passamae e Felipe Mendes de Vasconcelos, os autores analisam o primeiro movimento da Sonata para viola e piano de Radamés Gnattali, um personagem merecedor de maior sistematização e divulgação de sua obra em estudos que associem os processos criativos com a prática musical, contribuindo para a escuta e a apreciação. No artigo **ANÁLISE DE FUMEUX FUME PAR FUMÉE DE SOLAGE: UMA BREVE APROXIMAÇÃO ENTRE ARS SUBTILIOR E MADRIGAL**, os autores Victor Martins Pinto de Queiroz, Mauricio Funcia De Bonis analisam a contrapontística da obra Fumeux fume par fumée, de Solage, buscando apontar as especificidades do contraponto medieval ao mesmo tempo em que esclarece as particularidades do período posterior à Ars Nova, a Ars Subtilior, propondo um registro de suas semelhanças com o madrigal renascentista na exacerbação do cromatismo. No artigo **AS ALTERAÇÕES NA PERCEPÇÃO MUSICAL DE PESSOAS COM EPILEPSIA DE DIFÍCIL CONTROLE, UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE MODELO DE COGNIÇÃO, FUNÇÕES MUSICAIS E MUSICOTERAPIA**, os autores Fernanda Franzoni Zaguini Clara Márcia Piazzetta, busca estabelecer uma discussão sobre o modelo de percepção musical e o processamento auditivo cerebral até a gestalt auditiva descrito por Koelsch (2005, 2011), mostrando a importância destes conhecimentos para o trabalho musicoterápico na reabilitação neurológica de pacientes com epilepsia. No artigo **AS REGRAS DE EXECUÇÃO MUSICAL EM MARPURG, O MÚSICO CRÍTICO: RELAÇÕES ENTRE RETÓRICA E MÚSICA E A CONSTRUÇÃO DE UMA PRONUNTIATIO MUSICAL**, o autor Stéfano Paschoal tem o intuito de evidenciar a forte relação entre Retórica e Música. Aspectos composicionais da linguagem de Theodoro Nogueira no Improviso nº 4 para violão os autores Laís Domingues Fujiyama, Eduardo Meirinhos Trata-se da dissertação sobre os processos composicionais de Theodoro Nogueira. Através do confronto de uma análise neutra com a estética nacionalista/guarnieriana (a qual o compositor se vincula) e críticas de violonistas sobre sua obra pretendemos definir alguns aspectos de sua linguagem. No artigo **ATUAÇÃO DO MÚSICO EM EMPRESAS: MERCADO, INDICATIVOS E PROCESSOS**, a autora Elen Regina Lara Rocha Farias, busca descrever e apresenta questões sobre a atuação profissional do músico em empresas públicas e privadas, assim como o mercado em que se insere e solicita deste profissional, indicativos de um perfil condutor de ações exitosas, bem como processos estruturadores de planos

de trabalho interdisciplinares que atendam e gratifiquem tanto a empresa quanto o artista. No artigo **BLUES NO PAÍS DO SAMBA: ASPECTOS DETERMINANTES PARA A PRESENÇA DO BLUES COMO FAZER MUSICAL NO BRASIL**, o autor Rafael Salib Deffaci, traz a Derivação de sua dissertação de mestrado em Música (UDESC, 2015). Nele, evidenciarei alguns aspectos - estético/musicais, culturais, sociais e históricos - determinantes para a presença do blues no Brasil como gênero musical, inicialmente estrangeiro, e seus caminhos até sua incorporação e ressignificação pela musicalidade brasileira na atualidade. No artigo **COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO MELÓDICA DE DANIEL: PROCESSO DE COMPOSIÇÃO MUSICAL**, a autora Aline Lucas Guterres Morim, busca compreender o processo de construção melódica do sujeito Daniel. Os dados da análise são um recorte da dissertação “O processo de composição musical do adolescente: ações e operações cognitivas”, orientado por Leda Maffioletti, No artigo **CONCEPÇÕES DIDÁTICAS SOBRE AS TÉCNICAS EXPANDIDAS E SUA APLICAÇÃO NO REPERTÓRIO DE TUBA**, o autor Gian Marco Mayer de Aquino, busca apresentar concepções didáticas sobre as técnicas expandidas e sua aplicação no repertório de tuba. Este é um recorte de sua pesquisa de mestrado. No artigo **CONTRIBUIÇÕES DA COGNIÇÃO MUSICAL À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, os autores Juliana Rocha de Faria Silva, Fernando William Cruz buscam Saber como as pessoas escutam e se elas escutam da mesma maneira; porque há certas músicas que são preferidas por muitos; se as pessoas ouvem de formas diferentes e porque há pessoas da nossa cultura que não são movidas pela música como outras são as perguntas feitas por estudiosos de diversos campos como o da Psicologia Cognitiva, da Neurociência, da Computação, da Musicologia e da Educação e revelam a natureza interdisciplinar da área emergente que inclui a percepção e cognição musicais (LEVITIN, 2006). No artigo **EDUCAÇÃO MUSICAL DE ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS COM AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC): UMA PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DO DISPOSITIVO MAKEY MAKEY**, os autores Alexandre Henrique dos Santos, Adriana do Nascimento Araújo Mendes aborda uma experiência em educação musical para alunos com deficiência visual utilizando as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e um modelo pedagógico que orienta teoricamente o ensino com as mesmas: o Technological Pedagogical and Content Knowledge (TPACK). No artigo **EDUCAÇÃO MUSICAL E HABILIDADES SOCIAIS**, os autores Paula Martins Said e Dagma Venturini Marques Abramides, buscou investigar o efeito da educação musical no repertório de habilidades sociais em crianças expostas e não expostas à educação musical. No artigo Educação Musical, Neurociência e Cognição:

Uma Revisão Bibliográfica Dos Anais Do SIMCAM, os autores Cassius Roberto Dizaró Bonfim, Anahi Ravagnani e Renata Franco Severo Fantini

Buscam apresentar um panorama atual desta produção na tentativa futura de aproximar o conhecimento produzido à realidade da docência. Embora a produção de estudos acadêmicos sobre estes três temas esteja visivelmente em crescimento, notou-

se que o número de publicações que relacionam os três elementos simultaneamente ainda seja incipiente. **ENSINO DE MÚSICA E NOVAS TECNOLOGIAS: INICIAÇÃO EM PERCUSSÃO POR MEIO DE VÍDEO GAME ARTE EM SUA RELAÇÃO COM A OBRA DE ESCHER** No artigo **ENSINO DE MÚSICA E NOVAS TECNOLOGIAS: INICIAÇÃO EM PERCUSSÃO POR MEIO DE VÍDEO GAME ARTE EM SUA RELAÇÃO COM A OBRA DE ESCHER**, os autores Ronan Gil de Moraes, Jean Paulo Ramos Gomes, Lucas Davi de Araújo, Lucas Fonseca Hipólito de Andrade, buscam apresentar questões pertinentes à iniciação musical voltada ao ensino de solfejo, percepção e principalmente de práticas instrumentais percussivas, e surgiu como consequência de atividades desenvolvidas em um curso de extensão para crianças de 08 a 14 anos. No artigo **Estudo Comparado das Flutuações de Andamento em Quatro Gravações de Du Schönes Bächlein para violão solo de Hans Werner Henze**, o autor João Raone Tavares da Silva Busca estudar o comparativo das flutuações de andamento em quatro interpretações da peça **Du Schönes Bächlein** de Hans Werner Henze (1926-2012) feitas por diferentes violonistas. No artigo **Estudo das relações entre Forma e Densidade na Sinfonia em Quadrinhos de Hermeto Pascoal**, o autor Thiago Cabral, realiza uma avaliação quantitativa do parâmetro densidade em quatro seções da peça **Sinfonia em Quadrinhos** (1986) de Hermeto Pascoal (1936). No artigo **EXPERIMENTALISMO E MÚSICA CONCRETA NO JAPÃO PÓS-GUERRA: RELIEF STATIQUE (1955) E VOCALISM AI (1956) DE TORU TAKEMITSU**, o autor Luiz Fernando Valente Roveran propõem-se discussões acerca do contraste entre a música concreta de Pierre Schaeffer e nosso objeto de estudo.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ÉTICA GREGA E SEU PRINCIPAL PENSAMENTO EM SÓCRATES	
João Leandro Neto Tayronne de Almeida Rodrigues Murilo Evangelista Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.0461905021	
CAPÍTULO 2	12
A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO DA RESPIRAÇÃO APLICADO À PRÁTICA INSTRUMENTAL DO VIOLINO E DA VIOLA	
Oswaldo Eduardo da Costa Velasco	
DOI 10.22533/at.ed.0461905022	
CAPÍTULO 3	21
A INFLUÊNCIA DA CULTURA MIDIÁTICA NO GOSTO MUSICAL DOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
Frank de Lima Sagica	
DOI 10.22533/at.ed.0461905023	
CAPÍTULO 4	32
A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA	
Jéssica Melina Behne Vettorelo	
DOI 10.22533/at.ed.0461905024	
CAPÍTULO 5	41
A PERFORMANCE DO COCO <i>SEBASTIANA</i> : UM RITO DE PASSAGEM NA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE JACKSON DO PANDEIRO	
Claudio Henrique Altieri de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.0461905025	
CAPÍTULO 6	49
A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE PALMAS-TO: DESVELANDO CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM TURMAS DE PRÉ-ESCOLA	
Priscila de Freitas Machado	
DOI 10.22533/at.ed.0461905026	
CAPÍTULO 7	66
A RELAÇÃO ENTRE O FAZER MUSICAL E O ESPAÇO ESCOLAR: UM DEBATE COM PROFESSORES DE MÚSICA	
Monalisa Carolina Bezerra da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.0461905027	
CAPÍTULO 8	77
A UTOPIA DO ISOMORFISMO INTERSEMIÓTICO COMO MOTOR DA CRIAÇÃO: BREVE ANÁLISE DO <i>MOTET</i> EM RÉ MENOR DE GILBERTO MENDES	
Victor Martins Pinto de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.0461905028	

CAPÍTULO 9 87

ANACLETO DE MEDEIROS: UM OLHAR SOBRE A ATUAÇÃO DE UM MESTRE DO CHORO E DAS BANDAS NO CENÁRIO SOCIOCULTURAL CARIOCA

Sebastião Nolasco Junior
Magda de Miranda Clímaco

DOI 10.22533/at.ed.0461905029

CAPÍTULO 10 95

ANÁLISE DA SONATA PARA VIOLA E PIANO DE RADAMÉS GNATTALI: PRIMEIRO MOVIMENTO

Maria Aparecida dos Reis Valiatti Passamae
Orquestra Sinfônica do Espírito Santo
Felipe Mendes de Vasconcelos

DOI 10.22533/at.ed.04619050210

CAPÍTULO 11 105

ANÁLISE DE *FUMEUX FUME PAR FUMÉE* DE SOLAGE: UMA BREVE APROXIMAÇÃO ENTRE ARS SUBTILIOR E MADRIGAL

Victor Martins Pinto de Queiroz
Mauricio Funcia De Bonis

DOI 10.22533/at.ed.04619050211

CAPÍTULO 12 115

AS ALTERAÇÕES NA PERCEPÇÃO MUSICAL DE PESSOAS COM EPILEPSIA DE DIFÍCIL CONTROLE, UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE MODELO DE COGNIÇÃO, FUNÇÕES MUSICAIS E MUSICOTERAPIA

Fernanda Franzoni Zaguini
Clara Márcia Piazzetta

DOI 10.22533/at.ed.04619050212

CAPÍTULO 13 124

AS REGRAS DE EXECUÇÃO MUSICAL EM MARPURG, O MÚSICO CRÍTICO: RELAÇÕES ENTRE RETÓRICA E MÚSICA E A CONSTRUÇÃO DE UMA *PRONUNTIATIO* MUSICAL

Stéfano Paschoal

DOI 10.22533/at.ed.04619050213

CAPÍTULO 14 139

ASPECTOS COMPOSICIONAIS DA LINGUAGEM DE THEODORO NOGUEIRA NO *IMPROVISO N° 4* PARA VIOLÃO

Laís Domingues Fujiyama
Eduardo Meirinhos

DOI 10.22533/at.ed.04619050214

CAPÍTULO 15 150

ATUAÇÃO DO MÚSICO EM EMPRESAS: MERCADO, INDICATIVOS E PROCESSOS

Elen Regina Lara Rocha Farias

DOI 10.22533/at.ed.04619050215

CAPÍTULO 16 157

BLUES NO PAÍS DO SAMBA: ASPECTOS DETERMINANTES PARA A PRESENÇA DO BLUES COMO FAZER MUSICAL NO BRASIL

Rafael Salib Deffaci

DOI 10.22533/at.ed.04619050216

CAPÍTULO 17	165
COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO MELÓDICA DE DANIEL: PROCESSO DE COMPOSIÇÃO MUSICAL	
Aline Lucas Guterres Morim	
DOI 10.22533/at.ed.04619050217	
CAPÍTULO 18	174
CONCEPÇÕES DIDÁTICAS SOBRE AS TÉCNICAS EXPANDIDAS E SUA APLICAÇÃO NO REPERTÓRIO DE TUBA	
Gian Marco Mayer de Aquino	
DOI 10.22533/at.ed.04619050218	
CAPÍTULO 19	183
EDUCAÇÃO MUSICAL DE ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS COM AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC): UMA PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DO DISPOSITIVO MAKEY MAKEY	
Alexandre Henrique dos Santos Adriana do Nascimento Araújo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.04619050219	
CAPÍTULO 20	200
EDUCAÇÃO MUSICAL E HABILIDADES SOCIAIS	
Paula Martins Said Dagma Venturini Marques Abramides	
DOI 10.22533/at.ed.04619050220	
CAPÍTULO 21	216
EDUCAÇÃO MUSICAL, NEUROCIÊNCIA E COGNIÇÃO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DOS ANAIS DO SIMCAM	
Cassius Roberto Dizaró Bonfim Anahi Ravagnani Renata Franco Severo Fantini	
DOI 10.22533/at.ed.04619050221	
CAPÍTULO 22	225
ENSINO DE MÚSICA E NOVAS TECNOLOGIAS: INICIAÇÃO EM PERCUSSÃO POR MEIO DE VÍDEO GAME ARTE EM SUA RELAÇÃO COM A OBRA DE ESCHER	
Ronan Gil de Moraes Jean Paulo Ramos Gomes Léia Cássia Pereira da Paixão Lucas Davi de Araújo Lucas Fonseca Hipolito de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.04619050222	
CAPÍTULO 23	236
ESTUDO COMPARADO DAS FLUTUAÇÕES DE ANDAMENTO EM QUATRO GRAVAÇÕES DE DU <i>SCHÖNES BÄCHLEIN</i> PARA VIOLÃO SOLO DE HANS WERNER HENZE	
João Raone Tavares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.04619050223	

CAPÍTULO 24 245

ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE FORMA E DENSIDADE NA *SINFONIA EM QUADRINHOS* DE HERMETO PASCOAL

[Thiago Cabral](#)

DOI 10.22533/at.ed.04619050224

SOBRE O ORGANIZADOR..... 254

A RELAÇÃO ENTRE O FAZER MUSICAL E O ESPAÇO ESCOLAR: UM DEBATE COM PROFESSORES DE MÚSICA

Monalisa Carolina Bezerra da Silveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

RESUMO: Este artigo é um recorte de um trabalho de conclusão de curso de Graduação em Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação do Prof. Dr. José Alberto Salgado), o qual teve por objetivo investigar possibilidades e dificuldades que professores de Educação Musical, em atividade, no Ensino Básico da Rede Pública Federal e Municipal do Rio de Janeiro encontraram para que o fazer musical estivesse presente durante suas aulas de música. Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas junto a quatro docentes previamente selecionados. Os relatos mencionados foram analisados a partir do modelo de ensino em linha e ensino não linear, de Marisa Fonterrada. Os depoimentos apresentam poucas semelhanças, o que sugere uma diversidade de possibilidades e dificuldades que os professores encontraram durante sua experiência docente. O interessante ao concluir essa pesquisa foi ver que os professores encontraram em sua trajetória docente mais possibilidades do que dificuldades para que o fazer musical estivesse presente em suas aulas. **PALAVRAS-CHAVE:** fazer musical, educação musical no ensino básico, experiência docente.

ABSTRACT: This article is a summary of a course completion work at the Undergraduate Degree in Music of the Federal University of Rio de Janeiro, under the guidance of Teacher Dr. José Alberto Salgado, the objective of this work is to investigate possibilities and difficulties, that teachers of Music Education, in the Public Federal and Municipal Network of Rio de Janeiro, found in order to the making music was present in their music classes. The data were obtained through semi-structured interviews with four previously selected teachers. The aforementioned reports were analyzed, based on Marisa Fonterrada's model of online teaching and non-linear teaching. The testimonies have few similarities, which suggests a diversity of possibilities and difficulties that the teachers found during their teaching experience. The interesting thing to conclude this research was to see that the teachers found in their teaching trajectory more possibilities than difficulties for the making music to be present in their classes. **KEYWORDS:** making music, music education in basic education, teaching experience.

1 | INTRODUÇÃO AO TEMA, OBJETIVOS E RESUMO DE LITERATURA

Esse artigo é baseado na pesquisa do

meu Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Música, o qual tem por tema a relação entre o fazer musical e o espaço escolar no trabalho de professores de música. O objetivo é refletir sobre possibilidades e dificuldades que professores de música, do Ensino Básico, encontraram em sua experiência para conseguir “fazer” música em sala de aula, adequando-se a condições atreladas à realidade das escolas. Tal realidade inclui: a escassez de recursos materiais (instrumentos musicais), acústica e isolamento precário ou inexistente nas salas de aula e a questão comportamental dos alunos.

Esse tema começou a ser vislumbrado após três situações: a primeira, durante uma aula na minha graduação em Licenciatura em Música, onde o professor da matéria comentou que seu colega, também professor, disse não ter tempo de fazer música em sala de aula. A segunda, após assistir uma Mesa Redonda em um Encontro Regional da ABEM, onde um dos convidados, também, já ouviu colegas dizerem que não tiveram tempo de fazer música em sala de aula. Por fim, a terceira situação se formou após uma conversa com uma professora que era minha orientadora de estágio, na época, a qual me ajudou a entender melhor o que seria interessante pesquisar nessa área.

A partir desses acontecimentos surgiu o meu questionamento: de que forma os professores conseguiam desenvolver um trabalho para que o fazer musical estivesse presente nas aulas de música, no espaço escolar?

Então, como o assunto do presente trabalho é a relação entre o fazer musical e o espaço escolar, é válido, primeiramente, refletir sobre o que é esse fazer musical e como que a experiência docente pode ajudar o professor a desenvolver um trabalho interessante com esse “fazer”, possibilitando uma experiência musical para seus alunos.

Esse trabalho se baseia no fazer musical em que Keith Swanwick apresenta em seu livro *A Basis for Music Education* (Uma Base para a Educação Musical) (SWANWICK, 1979), onde, segundo Peres (2015, p.20), Swanwick fala, pela primeira vez, sobre o modelo C(L)A(S)P – sigla composta pelas iniciais, as quais o autor afirma ser atividades/parâmetros que deveriam estar presentes nas aulas de música: criação (C), estudos de literatura (L), apreciação (A), aquisição de habilidades técnicas (S) e performance (P). Essas atividades estão divididas em dois grupos: atividades centrais e periféricas. As centrais são C (composição), A (apreciação), P (performance), as quais são consideradas de maior importância, por serem atividades que possuem relação direta com a experiência musical dos alunos.

Já as atividades periféricas (L) e (S), as quais se encontram entre parênteses, servem de apoio à experiência musical. (L) faz referência aos estudos de literatura musical, trazendo informações sobre a música e (S) faz referência à aquisição de habilidades técnicas, viabilizando a execução musical.

Embora essas atividades estejam divididas entre centrais e periféricas, Swanwick enfatiza que, na prática docente, todas as atividades devem estar interligadas de modo equilibrado para que a experiência musical seja a mais completa possível

(SWANWICK, 1979, p. 44-48).

Então, para Educação Musical seria importante integrar as três modalidades do fazer musical (composição, apreciação e performance), pois possibilita ao aluno uma vivência de atividades de imitação e de imaginação, equilibrando-as, permitindo um desenvolvimento integral desse aluno. Além de que “através do envolvimento ativo com obras musicais próprias ou da literatura, os alunos desenvolvem progressivamente a sua compreensão musical, bem como competências funcionais (técnicas) que viabilizam a participação musical ativa.” (FRANÇA, 2006, p. 70).

Agora, focando na figura do professor de Educação Musical, ao trabalhar essas atividades que o fazer musical requer, na escola, é interessante discutir sobre pontos necessários da prática docente.

Segundo Gaulke (2013), a formação acadêmica inicial é, como o próprio termo sugere, apenas uma etapa da construção da docência, uma etapa importante, mas não suficiente para o trabalho docente em sala de aula. Os conhecimentos adquiridos na Universidade o ajudarão a planejar e compor atividades a serem realizadas durante as aulas, porém apenas na prática em campo, no ato de ensinar na sala de aula que descobrirão como desenvolver o que foi planejado.

A construção do conhecimento prático está vinculada às vivências do profissional, “o que mostra a importância de se ter uma postura reflexiva, que considere a própria ação educativa e as experiências fora do ambiente escolar como pressupostos importantes na constituição da prática educativa” (BELLOCHIO; BEINEKE, 2005, p. 2). Nessa perspectiva, a construção da docência é entendida como aprender na prática, aprender fazendo, isto é, o professor aprende a ensinar dando aula, formando assim, o que podemos classificar como sua experiência docente.

Como Bellochio (2003, p. 21) afirma, “o professor que ensina música precisa trabalhar com as incertezas e isso requer dele alternativas de trabalho, posturas e soluções criativas nas tomadas de decisões.” Além dessas experiências que a prática docente traz ao professor, dessas incertezas características da sala de aula, ele também precisa ser criativo, não só no planejamento de atividades para sua aula, mas até para tomar decisões e solucionar problemas que surgem em seu trabalho, em sala de aula.

Outra concepção de experiência é a experiência musical, a qual segundo Del-Ben (2012, p. 58) é concebida como o centro da aula de música na escola, que é tempo e espaço de experimentar, explorar, praticar e vivenciar música. Portanto, a experiência não está atrelada só a experiência da prática docente, mas também a experiência musical que os alunos desses docentes têm que adquirir durante suas aulas de música. Por isso, volto a me referir ao fazer musical, ao “colocar a mão na massa” musicalmente, visto que, esse ato se torna de extrema importância na escola, pois esses alunos desenvolvem suas próprias experiências musicais, sendo capazes de tomarem decisões convenientes para si, em relação à música.

Como referencial teórico minha pesquisa está baseada no modelo de ensino em

linha e ensino não linear, abordado no artigo “A linha e a rede” de Marisa Fonterrada (1997 apud LOUREIRO, 2004, p. 67), o qual me ajudou a interpretar também as falas dos professores entrevistados.

Nesse artigo, a autora afirma que para um efetivo processo de educação musical precisa haver uma complementaridade dos dois modos extremos, ou seja, o método linear, ordenado, em interação com o não linear, baseado na experiência intuitiva, criativa e atual, onde a experiência da prática docente ajudará esse professor em saber equilibrar esses dois modelos em sua aula, permitindo que os alunos adquiram uma experiência musical enriquecedora, respeitando e trabalhando, também, a diversidade musical que há dentro da escola. (1997 apud LOUREIRO, 2004, p. 67).

2 | METODOLOGIA DE PESQUISA

De acordo com Salgado *et al* (2014, p. 95), “Em pesquisas com práticas musicais, a interlocução costuma ter papel central: o encontro entre pessoas que dizem e que se ouvem tem o potencial de se desdobrar em anotações, análise, interpretações, com vistas a uma compreensão do que acontece em tais práticas”. Baseando-se nessa prática de interlocução, esse trabalho é uma pesquisa fundamentada nas práticas musicais de docentes na escola, isto é, o trabalho musical desenvolvido dentro da sala de aula. De caráter qualitativa, essa pesquisa usa a técnica de entrevistas semiestruturadas, sendo essas, uma forma de entrevista que segue um roteiro de tópicos ou perguntas gerais, que oriente a condução da mesma, mas que de forma alguma impeça o aprofundamento de aspectos que possam ser relevantes à compreensão do objeto ou do tema em estudo (FRASER; GONDIM, 2014, p. 145), das quais pude fazer anotações, analisar as falas dos professores entrevistados, interpretá-las, associá-las, permitindo assim, a compreensão dessas práticas, gerando também dados empíricos para a composição desse trabalho.

Segundo Fraser e Gondim (2004, p. 145), uma das concepções da pesquisa qualitativa é compreender os significados e as vivências dos entrevistados, em determinadas situações ou eventos, além disso, esse “[...] entrevistado tem papel ativo na construção da interpretação do pesquisador” (FRASER, GONDIM, 2014). Por isso, optei por essa forma de pesquisa, pois me interessei em compreender as vivências e as experiências que meus entrevistados possuem, em seu ambiente de trabalho, além de poder contar com a ajuda deles para a minha interpretação de suas falas.

Também optei pela técnica de entrevistas semiestruturadas, utilizando uma das modalidades que Fraser e Gondim classificam como a fase a fase:

Àquela modalidade em que o entrevistador e o entrevistado se encontram um diante do outro e estão sujeitos às influências verbais (o que é dito ou perguntado), às não-verbais (comunicação cronêmica – pausas e silêncios -, cinésica – movimentos corporais -, e paralinguística – volume e tom de voz), e às decorrentes da visualização das reações faciais do interlocutor. (FRASER; GONDIM, 2004, p. 143).

3 | ANÁLISE DE DADOS

Foram entrevistados quatro professores da rede de ensino público do Rio de Janeiro, dois de cada instituição escolar (Federal e Municipal), onde pude conversar pessoalmente com os quatro professores. As entrevistas pessoais foram individuais e gravadas em um gravador do meu celular.

Neste artigo serão usados nomes fictícios para esses quatro professores, por questões de preservação de identidade de cada um. Então, os dois professores da instituição federal de ensino são o Vitor e a Karina, sendo o primeiro, professor do Ensino Fundamental e Médio e a segunda, apenas do Ensino Fundamental. Já os outros dois professores, Carlos e José são docentes da instituição municipal de ensino e ambos atuam como professores do Ensino Fundamental.

O roteiro das entrevistas estava baseado em quatro perguntas gerais para orientar a condução da mesma, porém, para este artigo, só irei me ater às duas primeiras, sendo elas:

1) Quais são as possibilidades que você encontrou para que o fazer musical esteja presente nas suas aulas?

2) Quais são as dificuldades que se encontra para que esse fazer se mantenha ao longo das aulas?

3) A partir dessas perguntas, obtive registros de respostas bastante variadas e outras em comum durante a análise dos dados.

4 | AS POSSIBILIDADES

A primeira pergunta da entrevista teve por objetivo relatar o que os professores encontraram de possibilidades para que o fazer musical estivesse presente nas suas aulas. As respostas que foram expostas são baseadas nas experiências em sala de aula, que esses professores adquiriram ao longo de sua carreira docente.

A primeira possibilidade encontrada para que o fazer musical estivesse presente nas aulas, com maior recorrência na fala dos entrevistados, foi a criação de um clima favorável, em sala de aula, para que os alunos fiquem à vontade para fazer música, apontada pelos professores: Vitor, Karina e José.

O professor Vitor afirma que para um trabalho com fazer musical é necessário que os alunos estejam com vontade de cantar, tocar e se isso não acontecer em sala de aula, a primeira possibilidade que encontrou foi a de perceber como se poderia criar um clima favorável para que os alunos tenham vontade e estejam à vontade para fazer música.

Já o professor José diz que é necessário ser um professor criativo, que saiba promover desafios a seus alunos, tornando o ambiente da sala de aula agradável para se aprender, se desenvolver e, principalmente para fazer música.

Por fim, a professora Karina afirma que permitir uma vivência musical centrada no

tempo em que esse aluno vive é fundamental para criar um ambiente que ele se sinta à vontade e também se sinta parte do que está sendo ensinado. Uma alternativa, para esse professor, é fazer releituras de coisas do passado, trazendo para a atualidade.

A segunda possibilidade, mais recorrente na fala dos entrevistados, foi de que é necessário ter um conjunto de metodologias de ensino que sejam eficazes para aprendizagem dos alunos.

O professor Vitor diz que encontrou, no acúmulo de sua experiência, metodologias de ensino que lhe trouxeram recursos suficientes para conseguir fazer música com seus alunos.

A professora Karina fala que “as metodologias são interessantes, faça uma mistura delas que você chega num caminho, mas a gente não deve se prender a isso. A minha possibilidade se deu muito de eu não me prender.” Então, um conjunto de metodologias pode ser eficaz, pois você tem a possibilidade de tirar elementos interessantes de cada uma delas, misturá-las e assim, montar uma metodologia de ensino envolvendo todas, visto que o mundo atual é muito transitório e, estar atento a essas mudanças, é importante para o professor, pois com essa mistura de metodologias, parece ser mais fácil se adequar a essas mudanças, visto que, você não precisa seguir um ensino linear (FONTERRADA, 1997 apud LOUREIRO, 2004) de uma determinada metodologia, e com essa mistura o professor pode equilibrar um ensino linear, ordenado, com o não linear, se baseando na sua experiência intuitiva (vendo o que está dando certo ou não), criativa e se adequando ao que é atual no mundo de seus alunos.

Por fim, o professor José diz fazer uma mistura de metodologias diferenciadas das que a professora Karina expõe, somando-a com metodologias próprias que desenvolveu para ensinar, por exemplo, notas musicais.

A outra possibilidade, que os professores encontraram para trabalhar o fazer musical na sala de aula, foi de haver um diálogo entre a cultura musical do aluno e a cultura musical do professor, ou seja, o professor precisa entender essa cultura musical que seu aluno já tem, e vem com ela para a escola e, com isso, desenvolver um trabalho que abranja a sua cultura junto com a dele, onde ambas se enriquecem, o que Paulo Freire (1987) denomina como síntese cultural.

O professor Carlos diz que a possibilidade que encontrou para trabalhar com esse fazer musical foi tentar dialogar com as práticas musicais que já havia dentro da escola em que ele é professor, como a prática musical dos DJ's. E, ele precisou saber dialogar com essas práticas, para assim conseguir desenvolver um trabalho interessante e que os alunos se identificassem.

Já a professora Karina comenta que a nossa cultura tem a sua identidade musical que se modifica ao longo do tempo e os alunos acompanham essa mudança. Completa dizendo: “Então a música que toca hoje no rádio, na novela, sabe, em diversos lugares, no *YouTube*, é a música que essa juventude demanda. Nossa parte é enriquecer esse repertório, com outras coisas.” O papel do professor é trazer algo da

sua cultura musical para a cultura de seu aluno, possibilitando que ambos vivenciem algo diferente. O professor precisa fazer uma releitura da música de sua cultura para uma linguagem atual, onde seu aluno irá compreender e se sentir parte desse aprendizado, como já dito anteriormente.

O professor Vitor aponta outra possibilidade que encontrou para o fazer musical em sala de aula: a disponibilidade de recursos materiais, ou seja, instrumentos musicais, que tinham nas escolas que trabalhou e, atualmente onde trabalha. Diz que em algumas tinham poucos e em outras tinham bastante, mas sempre encontrou alguns recursos desse tipo para trabalhar.

E, ele completa sua fala dizendo:

E, é um tipo de recurso que não é caro pra formar, é só ter vontade política na escola que a escola consegue e a vontade política da escola depende da vontade do professor. Se tiver alguém que vai batalhar pra que a escola tenha recursos, na disciplina Música, é o próprio professor de música. E, nem sempre é brigando ou só choramingando e reclamando não, tem que ter ações inteligentes, politicamente inteligentes, pra que isso aconteça.

Já o professor José encontrou, também, no canto uma possibilidade para ter a presença do fazer musical em sua aula. Diz, que pela facilidade do cantar e, por esse canto ser produzido pela voz dos alunos, os quais carregam esse instrumento para onde vão, não surge a dificuldade de verba para compra de instrumentos, a falta de lugar para guardá-los, entre outros problemas, além de descobrir que daria para desenvolver um trabalho bastante interessante com o canto, dividindo em duas ou mais vozes.

Esse mesmo professor também encontrou na flauta doce outra possibilidade de trabalho musical, por dois motivos: “pela facilidade de ter uma flauta doce e, pela facilidade do próprio instrumento” e em pouco tempo se consegue desenvolver algum trabalho musical com esse tipo de flauta.

Por fim, a última possibilidade que eu pude encontrar nas falas desses professores entrevistados, foi a duração da disciplina no colégio, onde a professora Karina diz que “as possibilidades, elas primeiro surgiram quando eu vislumbrei essa extensão da disciplina, essa duração, melhor dizendo, da disciplina.”, onde percebeu a possibilidade de desenvolver uma vivência musical mais efetiva, visto que a disciplina Música, em sua escola, se estende do 1º ano do Ensino Fundamental ao 2º ano do Ensino Médio.

5 | AS DIFICULDADES

A segunda pergunta da entrevista, assim como a primeira, também teve por objetivo relatar o que os professores encontraram de dificuldades para que o fazer musical estivesse presente durante as suas aulas.

A dificuldade mais recorrente na fala dos professores foi o fato de ter alunos acelerados e com déficit de atenção na escola, apontada pela professora Karina e pelo

professor José.

A professora Karina menciona que a culpa dessa aceleração dos alunos é por conta desse mundo em que vivemos, que também é um mundo acelerado, onde tudo é muito rápido e o indivíduo faz várias coisas ao mesmo tempo. Ela diz:

A dificuldade é que hoje a gente vive uma cultura que coloca essa criança, esse adolescente num processo de aceleração. A gente, ninguém tira da minha cabeça, a gente tem tanto caso de déficit de atenção, porque o menino ele tá com a televisão ligada, com um *tablet* na mão, celular na outra, computador ligado. Ele faz várias coisas ao mesmo tempo. Então, ele quer desfrutar de tudo ao mesmo tempo, mas ele não desfruta com intensidade, profundidade e qualidade de nada. [...] A gente vive hoje num mundo que é isso, são várias coisas acontecendo ao mesmo tempo e as pessoas acham que tem que proporcionar pros seus filhos tudo ao mesmo tempo, às vezes. Não sei, mas acho que isso influencia nos 50 minutos de aula. Mesmo se fossem 100.

Então, esses alunos, extremamente acelerados, demoram muito tempo para se acalmarem ao entrar na sala de aula e tem uma grande dificuldade para se concentrar, o que também faz se perder muito tempo em cada aula, até que ela consiga trazer a atenção de todos para o que será feito em sala. Diz ainda que, a dificuldade não é nem do fazer musical em sala de aula, e sim o tempo de aula, que com essa falta de concentração dos alunos acaba sendo curto.

O professor José diz que a questão comportamental dos alunos é complicada para trabalhar com esse fazer musical, visto que, alguns alunos são muito bagunceiros e atrapalham a aula, outros se excluem e não querem participar das atividades propostas por ele.

Outra dificuldade, mais recorrente na fala desses professores, foi a de manter os alunos estimulados para que esse fazer musical permaneça durante a aula.

O professor Vitor fala que “o fazer musical precisa de empolgação”, então quando se consegue fazer com que os alunos cantem, ou toquem, estejam estimulados e empolgados para fazer música, para fazer o que está sendo proposto pelo professor, na aula, é muito interessante e importante para que o fazer musical esteja presente durante as aulas, mas quando isso não acontece e esses alunos não estão com vontade de fazer música, é o que gera essa dificuldade de como mantê-los estimulados e dispostos a trabalhar música em sala de aula.

O professor José diz, também, que a dificuldade que encontra é manter o interesse desses alunos, conseguir desenvolver um trabalho que seja agradável e interessante para os alunos, para que não se desestimulem e achem chata a aula de música.

O professor Vitor também encontrou outra dificuldade para esse fazer musical. Ele diz que:

A falta de isolamento acústico, também, é uma dificuldade. Você quer desenvolver determinadas atividades que você acaba atrapalhando colegas de outras disciplinas. Muitas vezes, eles pedem pra... Pra diminuir o volume e claro, a gente tenta fazer o possível, porque a gente precisa fazer barulho, mas, também, se importa que não atrapalhe o trabalho de outros colegas. Isso tudo por causa da falta de isolamento acústico, que é outra dificuldade, né.

Esse mesmo professor completa sua fala apontando mais uma dificuldade: a falta de acústica nas salas de aula. Ele afirma que:

A acústica das salas é um problema. Aqui na escola, por exemplo, quando não se dá aula na sala de música a gente sente uma dificuldade com a acústica das salas comuns de aula. No caso aqui, muito perto de uma lagoa, com muito barulho de carro, difícil de projetar a voz e, também, a acústica dos instrumentos nem sempre é a melhor, é uma dificuldade.

Por fim, a última dificuldade que encontrei presente na fala de um dos entrevistados foi a falta de recursos materiais, de instrumentos musicais. O professor José afirma que essa falta de equipamentos, de materiais, de instrumentos musicais dificulta seu trabalho, pois precisa levar os seus, ou comprar com o seu dinheiro, limitando o trabalho, dificultando até que os alunos se mantenham interessados pela matéria, pois a presença de recursos materiais facilitaria muito mais o desenvolvimento e estímulo dos alunos para fazer música.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados nesta pesquisa e o diálogo feito com os itens da literatura nos demonstram que o professor tem um papel muito importante para que o fazer musical esteja presente na sala de aula, ou seja, é essencial que ele desenvolva atividades que possibilitem ao seu aluno ter uma experiência musical efetiva, “colocando a mão na massa”, fazendo música, de forma que essas atividades se incluam à cultura musical que seu aluno já tem, não desmerecendo-a e nem ignorando-a, apenas complementando-a.

Quando consegui ter um panorama geral de todas as possibilidades e dificuldades que os professores entrevistados encontraram, para que o fazer musical estivesse presente durante suas aulas, compus uma tabela e, então, descobri quantas possibilidades e dificuldades essa investigação trouxe. A tabela ficou assim:

Possibilidades	Dificuldades
<ol style="list-style-type: none"> 1. Criação de um clima favorável para que os alunos fiquem à vontade para fazer música. 2. Conjunto de metodologias de ensino eficaz para o fazer musical. 3. Recursos materiais (instrumentos musicais) disponíveis. 4. O canto. 5. A flauta doce. 6. A duração da disciplina no colégio. 7. Diálogo entre a cultura musical dos alunos e a cultura do professor. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Alunos acelerados (por conta desse mundo muito informatizado e acelerado) e com déficit de atenção. 2. Manter os alunos estimulados. 3. Isolamento acústico inexistente na sala de aula. 4. Falta de acústica nas salas de aula. 5. Falta de recursos materiais (instrumentos musicais).

Tabela 1: Possibilidades e dificuldade para o fazer musical estar presente na aula de música.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Ao terminar essa tabela pude perceber que havia sete possibilidades ao lado de cinco dificuldades. No momento que fiz essa constatação, fiquei muito esperançosa, pois ouvimos tanto sobre o quanto é difícil ser professor e, principalmente, professor de música, porque não se tem material para trabalhar, não valorizam a disciplina na escola, enfim, tantos são os relatos que se ouve que até nos deixamos levar. Porém, com a conclusão deste trabalho pude ver que os professores participantes dessa pesquisa encontraram mais possibilidades e soluções, do que dificuldades e problemas para a presença do fazer musical em sala de aula.

Essa conclusão muito me motiva, enquanto recém-formada professora de música, pois ver professores experientes, atuando em escolas por anos, encontrarem mais soluções do que problemas para que o fazer musical estivesse presente nas suas aulas, mesmo com todas as particularidades que a escola tem, me faz acreditar que não só eu, mas todos os futuros professores de música, também, são capazes de desenvolver um trabalho interessante, quando estiverem atuando como professores em alguma escola.

Por fim, encerro esse artigo com uma frase de Oscar Morales e Nedison Faria que resume, basicamente, esse assunto de fazer musical e espaço escolar: “Através do nosso trabalho conseguimos demonstrar que fazer música é uma atividade natural, se educador e educando estiverem trabalhando juntos e igualmente motivados” (MORALES; FARIA, 2001, p. 4).

REFERÊNCIAS

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. **A formação profissional do educador musical: algumas apostas.** Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 8, p. 17-24, mar. 2003.

_____, Claudia Ribeiro; BEINEKE, Viviane. **Aprendendo a planejar: um estudo sobre a construção do conhecimento prático por estagiários de educação musical na UDESC/SC e na UFSM/RS.** In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2005, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Abem, 2005. p. 1-7. 1 CD-ROM.

BUENO, Paula; BUENO, Roberto. **Uma proposta metodológica para se ensinar música musicalmente.** EDUCERE, Paraná, p. 8430-8433, out. 2009.

DEL-BEN, Luciana. **Sobre ensinar música na educação básica: ideias de licenciandos em música.** Revista da ABEM, Londrina, V.20, N.29, p. 51-61, jul.dez 2012.

FRANÇA, Cecília Cavaliere. **Do discurso utópico ao deliberativo: fundamentos, currículo e formação docente para o ensino de música na escola regular.** Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 15, p. 67-79, set. 2006.

FRASER, Marcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa.** Bahia: Paideia, 14 (28), p. 143-145, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 104-107, 1987.

GAULKE, Tamar Genz. **Aprendizagem da docência: um estudo com professores de música da educação básica.** Revista da ABEM, Londrina, V.21, N.31, p. 91-104, jul.dez 2013.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **A educação musical como prática educativa no cotidiano escolar.** Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, p. 65-74, mar. 2004.

MORALES, Oscar; FARIA, Nedison. **Educação, música e investigação-ação: produzindo o sorriso na escola.** Revista do Centro de Educação da UFSM. Santa Maria. V. 26, n. 1, jan/jun. 2001. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4752>>. Acesso em 23 dez. 2016.

PERES, Douglas Rocha. **Escola que tem professor de música é outra coisa: um debate sobre as práticas docentes em Educação Musical no Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro.** 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Música, Rio de Janeiro. 2015.

SALGADO, José Alberto; GANC, Davi; ERTHAL, Júlio; PERES, Leonardo; GREGORY, Jonathan. **Refletindo sobre a interlocução em pesquisas com música.** Debates UNIRIO, Rio de Janeiro, n. 12, p. 93-105, jun. 2014.

SWANWICK, Keith. **A basis for music education.** London: Routledge, 1979.